

**LAZER E CULTURA: O COTIDIANO DA COMUNIDADE DOS ARTUROS****Recebido em:** 26/12/2017**Aceito em:** 19/10/2018*Raquel Rocha Nunes<sup>1</sup>*  
*Elisângela Chaves<sup>2</sup>*Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)  
Belo Horizonte – MG – Brasil

**RESUMO:** Este estudo identifica e analisa as práticas de lazer e a cultura no cotidiano da Comunidade dos Arturos, Contagem- MG. Localidade marcada por um número expressivo de escravos, o que possibilitou a resistência de manifestações culturais de origem africana. Abordamos a história e a identidade, com ênfase na apropriação que fazem em relação aos espaços da Comunidade e suas tradições. Metodologicamente utilizamos a observação e as entrevistas semiestruturadas, elaboradas a partir de três eixos norteadores: o de identificação das práticas de lazer da comunidade; identificação dos espaços e apropriação dos mesmos; identificação de práticas infantis. Compreendemos com esta pesquisa que as práticas de lazer e a relação das crianças com o brincar nestes espaços apresentam, para além do lúdico, uma identidade cultural valorizada e cultivada pela comunidade para perpetuação dos saberes de seus antepassados.

**PALAVRAS CHAVE:** Comunidade dos Arturos. Atividades de Lazer. Cultura.

**LEISURE AND CULTURE: THE DAILY LIFE OF THE COMMUNITY OF ARTUROS**

**ABSTRACT:** This study identifies and analyzes the leisure practices and culture in daily life of the Comunidade dos Arturos, Contagem – MG. This location was marked by the large number of slaves, which made it possible to maintain the African's cultural manifestations. We approach the history and the identity of the Community, with an emphasis on how they appropriate the space and their traditions. Methodologically, we used observation and semi-structured interviews, elaborated from three points: the identification of leisure practices of the community; identification of spaces and their appropriation; identification of children's leisure practices. We understand with this research that the leisure and the relation of the children with the play in these spaces present, besides the playful dimension, a cultural identity valued and cultivated by the perpetuation of the knowledge of their ancestors.

<sup>1</sup> Graduada em Educação Física pela UFMG. Discente do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da UFMG.

<sup>2</sup> Docente do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da UFMG. Líder do Grupo de Pesquisa Educação da UFMG.

**KEYWORDS:** Comunidade dos Arturos. Leisure Activities. Culture.

**“Estas são as Nossas Raízes, Nasceram Longe... Muito Longe Antes da Primeira Caravela”**

Tá caindo fulô  
Ê, tá caindo fulô  
Lá do céu cai na terra  
Ê tá caindo fulô  
(Canto dos Arturos de  
Congado)<sup>3</sup>

A história de um povo nos revela muito sobre as riquezas que encontramos em cada cultura espalhada por esse mundo. Sendo assim, antes de procurar fundamentar teoricamente as relações entre o lazer e a cultura no cotidiano da Comunidade dos Arturos, precisamos nos aprofundar na origem e na história do afro-brasileiro e em específico da comunidade estudada neste trabalho.

Infelizmente, sabemos que a história do negro no Brasil para muitos foi marcada apenas pela escravidão devido à visão eurocêntrica, que também foi imposta nos primeiros séculos e que até hoje perpassa as salas de aula em todo Brasil.

Precisamos entender que a história vai além, o histórico de luta e resistência, os valores da cultura e das práticas corporais nos revelam muito mais sobre a essência do que os livros que trazem apenas um lado da história.

Entre os séculos XVI e XIX, nas Américas, formaram-se sociedades em que se predominou o trabalho forçado de indígenas e africanos. Os africanos cruzaram o

---

<sup>3</sup> Verso ouvido e registrado durante observação da festa de Nossa Senhora do Rosário da Comunidade dos Arturos (2017)

atlântico nos conhecidos navios negreiros - navios destinados ao tráfico de escravos - em péssimas condições.

Ao chegarem às Américas plantaram, retiraram ouro e prata, construíram fazendas e engenhos. “Trabalharam demais, receberam castigos e maus-tratos sem cessar, e conheceram índices de mortalidade altíssimos” (GOMES, 2015, p.8)

Mas o mar de dor da exploração a que foram submetidos fez também encontro com os oceanos culturais - entre arranjos familiares, crenças religiosas e cosmologias - em margens sem fins que eles forjaram (GOMES, 2015, p.9).

Como nos atenta ao olhar, Gomes (2015), no livro “Mocambos e Quilombos: Uma História do Campesinato Negro no Brasil” relata que os escravos experimentaram várias formas de protesto, como “insurreições, rebeliões, assassinatos, fugas e morosidade na execução das tarefas se misturavam com a intolerância dos senhores e a brutalidades dos feitores.” (GOMES, 2015, p.9).

Devido ao histórico da escravidão e da marginalização, fugir em busca de algo melhor, mesmo que ainda desconhecido, era para muitos a melhor saída mesmo que arriscada. Ao escaparem, os afrodescendentes procuravam novos locais e formas de sobreviver. Em uma sociedade que os ocultavam, a solução, muitas vezes, era se refugiar e construir suas próprias comunidades como forma de sobrevivência e de conservação de sua cultura.

Nas primeiras décadas da colonização, essas comunidades formadas eram conhecidas como mocambos e posteriormente foram chamadas de quilombos. “Eram termos da África Central usados para designar acampamentos improvisados, utilizados para guerras ou mesmo apresamentos de escravizados.” (GOMES, 2015, p.10).

De qualquer modo, o termo quilombo só aparece na documentação colonial no final do século XVII. Em geral, a terminologia usada antes era mesmo mocambo. O historiador Stuart Schwartz chamou a atenção para o fato de que ao longo do século XVIII - na documentação colonial - as comunidades de fugitivos foram denominadas ao mesmo tempo de mocambos, principalmente na Bahia, e de quilombos em Minas Gerais; e o termo quilombo apareceu em Pernambuco somente a partir de 1681. Assim, mocambos (estruturas para erguer casas) teriam se transformado em quilombos (acampamentos), e tais expressões africanas ganharam traduções atlânticas entre o Brasil e a África desde o século XVI (GOMES, 2015, p.11).

De lá para cá, muitas coisas aconteceram e foram mudando esse cenário no Brasil, ainda que timidamente. Atualmente, o decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007, que tem como objetivo instituir a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, define em seu artigo 3º:

Povos e Comunidades Tradicionais como grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição (BRASIL, 2007).

Sendo assim, os quilombolas são considerados Povos e Comunidades Tradicionais. Através da Constituição de 1988 esses povos tiveram o reconhecimento de seus direitos sobre o seu território e a sua cultura.

Os Quilombos podem preservar uma herança cultural e religiosa singular. Ao mesmo tempo, alguns se fazem presentes na sociedade moderna que os emoldura, se localizam em cidades urbanas e se relacionam diretamente com estes centros. Durante nosso percurso de estudos percebemos e tivemos necessidade de entender melhor essa relação da preservação, transmissão e vivência da cultura negra de geração em geração, através de ensinamentos, cantos, danças e valores que são considerados como referenciais para a manutenção das tradições deste povo.

As comunidades tradicionais a partir da sua complexidade sociocultural e política devem ser interpretadas em suas singularidades para podermos compreender como se constitui sua identidade. Os Arturos formam uma comunidade remanescente de quilombo localizada em Contagem, na região metropolitana de Belo Horizonte - MG, sendo um dos mais importantes símbolos da resistência negra no estado.

Os primeiros passos dentro da Comunidade dos Arturos foram uma dialética de sentimentos, tensão, incerteza, ansiedade, felicidade e olhos brilhando de alegria por estar iniciando o percurso que resultou neste trabalho. No entanto, a recepção de Maria Auxiliadora, mais conhecida como Dodora, mulher de sorriso largo e braços abertos para o outro, trouxe conforto a alma. Entre conversas e cafezinhos chegamos à casa da Maria Goreth, que é uma das rainhas Congas e responsável por fazer este elo entre pesquisadores e a comunidade. Ao final de explicações e muitos questionamentos com relação à pesquisa, estava permitido o início das visitas e as entrevistas.

### **Caminhos Metodológicos**

Para a reflexão sobre as comunidades tradicionais, em específico a Comunidade dos Arturos, em relação, principalmente, à cultura e ao lazer fez-se necessária uma busca no âmbito histórico que marcou os primeiros passos deste trabalho. O fichário de documentação bibliográfica compõe:

Um acervo de informações sobre livros, artigos e demais trabalhos que existem sobre determinados assuntos, dentro de uma área do saber. Sistemáticamente, feito, proporciona ao estudante rica informação para seus estudos (SEVERINO, 2000, p.39).

Corroborando com Severino, o primeiro momento desta pesquisa se constituiu como uma revisão bibliográfica sobre as raízes históricas do negro no Brasil e também,

da Comunidade dos Arturos. Além disso, buscamos a compreensão da sua relação com a sociedade moderna, as concepções de lazer e como a prática se faz presente dentro de comunidades tradicionais, de tal maneira que realizamos uma coleta de dados através de entrevistas com sujeitos pertencentes à Comunidade dos Arturos. Optamos por utilizar da entrevista semiestruturada que Laville e Dionne (1999) nos apresentam como sendo “uma série de perguntas abertas, feitas verbalmente, em uma ordem prevista, mas na qual o entrevistador pode acrescentar perguntas de esclarecimento.” Além disso, Lakatos e Marconi (2010) discorrendo sobre o instrumento afirmam que:

O principal interesse do pesquisador é conhecer o significado que o entrevistado dá aos fenômenos e eventos de sua vida cotidiana, utilizando seus próprios termos. A entrevista permite o tratamento de assunto de caráter pessoal (LAKATOS E MARCONI, 2010, p. 278).

Sendo assim, a entrevista semiestruturada nos garante obter uma melhor compreensão da realidade social estudada e aquilo que se busca com essa pesquisa. Segundo Laville e Dionne (1999):

Sua flexibilidade possibilita um contato mais íntimo entre o entrevistador e o entrevistado, favorecendo assim a exploração em profundidade de seus saberes, bem como de suas representações, de suas crenças e valores... em suma, tudo o que reconhecemos, desde o início, como o objeto das investigações baseadas no testemunho (LAVILLE E DIONNE, 1999, p.189).

Com o intuito de identificar e compreender a importância das práticas de lazer vinculadas aos saberes e práticas tradicionais presentes nos Arturos, a entrevista semiestruturada é um instrumento que proporcionou uma maior aproximação com o cotidiano dos sujeitos da comunidade.

Os sujeitos participantes da pesquisa foram oito moradores da comunidade, com idade entre 16 e 84 anos, o que nos permitiu realizar um resgate histórico da comunidade e entender melhor quais práticas de lazer estão presentes em seu cotidiano.

As perguntas feitas ao longo das entrevistas se apoiaram em três eixos norteadores: identificação das práticas de lazer da comunidade; identificação dos espaços e apropriação dos mesmos; identificação de práticas infantis. Utilizamos a entrevista semiestruturada com as seguintes perguntas: Quais as práticas de lazer presentes no seu cotidiano? Quais as práticas corporais praticadas na comunidade? Você tem práticas de lazer dentro da Comunidade? E fora? Quais são os espaços de lazer na Comunidade? Como você se apropria dos espaços da Comunidade nos seus momentos de lazer? Quais as práticas presentes no dia a dia das crianças da Comunidade? Há alguma prática de lazer que é ensinada de geração para geração?

A entrevista foi realizada com Arturos de diferentes faixas etárias, com o intuito de contemplar tanto os mais velhos quanto mais novos, para uma visão do todo da comunidade e as relações de cada faixa etária com a comunidade em si. Os participantes das entrevistas foram denominados com a letra ‘E’ e o número correspondente a sua entrevista, já que foi indicado no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que os participantes não seriam identificados. Sendo assim, estão referenciados da seguinte maneira: E1, E2, E3, E4, E5, E6, E7 e E8. A análise dos dados recebeu tratamento qualitativo.

### **“Sou um Arturo, Sou Filho do Rosário, Ele me Protege do Mundo”**

A comunidade descende de Camilo Silvério da Silva que, em meados do século XIX chegou ao Brasil em um navio negreiro vindo de Angola, porém chegou a Minas Gerais nas últimas décadas do mesmo século. Seu filho, Arthur, foi beneficiado pela Lei do Ventre Livre, mas mesmo assim devido às condições da época, viveu sua infância ao lado do padrinho, prestando serviços em troca de casa e comida. A situação que se

encontrava de marginalização e de maus tratos, o fizera fugir. Casou-se com Carmelinda Maria da Silva com quem viveu e teve onze filhos, ligados pela fé em Nossa Senhora do Rosário.

Os Arturos habitam uma propriedade particular adquirida por Camilo Silvério, ainda em 1888. A área corresponde a 6 mil e 500 hectares. Portanto, é a partir de Arthur Camilo Silvério que se pode estabelecer a formação da comunidade dos Arturos, uma família que partilha a fé em Nossa Senhora do Rosário.

A comunidade resguarda celebrações que refletem suas crenças e seus aspectos históricos sociais em que está inserida. A Festa de 13 de Maio se consolida como momento em que se comemora a libertação dos escravos, quando as guardas de Congo e Moçambique se apresentam louvando a Nossa Senhora do Rosário e agradecendo à Princesa Isabel; a Folia de Reis, folguedo bastante popular que representa a peregrinação dos três reis magos; a Festa João do Mato, que se caracteriza como momento de celebrar a fertilidade da terra preparando-a para um novo plantio. Os Arturos, até a década de 1940, se mantinham essencialmente pela produção rural. Porém, devido à explosão demográfica ocorrida em Contagem nesta época, estavam, a cada dia que se passava, mais inseridos dentro da cidade e das relações sociais ampliadas. Essa é uma das questões que nos provocam a buscar uma maior compreensão de como e até que ponto a comunidade inserida na dinâmica da sociedade pode ter influenciado o cotidiano dos Arturos e como as tradições perpassam ainda de geração para geração e a identidade se mantém presente ao longo desses anos.

Em relação aos aspectos religiosos dos Arturos é necessário inicialmente realizar um resgate histórico sobre o que eram as irmandades. Como afirma a historiadora Lucilene Reginaldo (2011) as irmandades eram organizadas tendo como centro um

santo protetor, e desempenharam o papel de preservação dos preceitos e valores do catolicismo. No lugar de entidades de ajuda mútua, que uniam gente de um mesmo estatuto social, promoviam o apoio em caso de doença, morte ou invalidez. As festas e cerimônias religiosas organizadas pelas irmandades foram importantes na construção das identidades social e religiosa das nações africanas. Assim como a devoção à santa, a eleição de reis e rainhas negros fortalecia os elos de coesão do grupo. A despeito das variantes regionais, Reginaldo (2011) explica que os reinados remetiam ao processo de conversão no reino do Congo no século XVI e davam mostras "do vigor das tradições centro-africanas lembradas e recriadas nas Américas" (REGINALDO, 2011, p. 226). Portanto, longe de representar a vitória da religião e dos costumes europeus, "o Rei do Congo representava o triunfo das estratégias contínuas para preservar as ligações com a África" (REGINALDO, 2011, p. 226).

A devoção dos Arturos à Nossa Senhora do Rosário é fundamentada no sincretismo religioso do rosário católico, já que quando foram introduzidas tais irmandades, muitas gerações de escravos já conheciam a figura de Nossa Senhora do Rosário através de estampas religiosas que eram distribuídas pelos missionários franciscanos na África. A imagem da Santa exibia o Rosário, equivalente ao Ifá Africano, que os padres ensinaram os escravos a rezar e que os negros aproveitaram para encobrir seu rosário de nozes de palmeira de grande valor religioso. Ao final das entrevistas uma questão era feita:- Então, o que é ser Arturos? E aí era nítido como os olhos brilhavam! O desejo de partilhar a sua identidade é grande, assim como o orgulho de cada um ao dizer que pertence aos Arturos, como podemos verificar nos relatos abaixo:

“ - Ah, esse nome.. É por isso que a gente ainda tá aqui lutando por causa desse nome, porque se acabar o nome Arturos a comunidade perde muito, perde a identidade. E se a gente tem o que temos hoje, a gente não esquece dele - Arthur Camilo - porque foi ele que lutou para ter esse terreno, foi ele que lutou para manter a nossa união, a nossa tradição, a nossa devoção, até mesmo a nossa religião. Ele lutou para manter, nos deixar unidos. Esse nome para mim soa mais alto do que tudo.” (E1)

“ - Arturos é a nossa comunidade mesmo, sabe? São os nossos costumes que vem de geração pra geração e todos somos filhos, netos, bisnetos, tataranetos do Arthur Camilo Silvério que morreu, né? Então, os Arturos são os que mantêm e lutam por aquilo que Arthur nos deixou.” (E2)

“ - Orgulho! Aí de mim sem essa terra! Eu tenho casa porque eu sou dos Arturos! A terra é sagrada, a energia dessa terra é sagrada. É difícil a gente falar, a gente que tá aqui, que nasceu aqui é uma emoção, e a gente tem orgulho!” (E4)

“ - Ah, pra mim ser Arturos é muito valioso né? Você carregar esse nome né? São poucos que tem o respeito e carrega o respeito de ser Arturos. Arturos mesmo, pra quem é Arturos, é uma satisfação muito grande. Porque Arturos mesmo não tem família nenhuma, Arturos né?” (E6)

Compreendemos assim, que os Arturos se caracterizam pela manutenção da cultura Negra, recebida dos ancestrais e preservada na experiência do sagrado.

### **Reflexões sobre o Lazer e a Cultura neste Contexto**

Pensar em Comunidades Tradicionais nos remete, de alguma maneira, para a dimensão da cultura. E como pensar a experiência humana dessas comunidades por meio da cultura?

Ao pensar a cultura, em muitos momentos percebemos associações apenas às manifestações artísticas, costumes e modos de vida de um povo e outras dimensões. Mas vamos abordar aqui a cultura como um produto da espécie humana. Produto este que está em construção, reconstrução e sendo apropriado socialmente pelo indivíduo ou por um grupo social, porém não se leva em consideração apenas o produto final, mas todo o processo de construção do mesmo.

Ao considerar a centralidade do significado na experiência humana, assumimos a cultura como a dimensão específica da nossa espécie. Em outras palavras, o homem constrói a si mesmo e a seu mundo à medida que se apropria das condições da sua existência e atribui a elas um significado, que nunca é o único possível (GOMES E FARIA, 2005, p.20).

É preciso então pensar que a cultura é dinâmica, a mudança ocorre por motivos internos como o fato de a cada geração aspectos tradicionais serem modificados e alguns novos incorporados; por motivos externos, a influência de outras sociedades ou grupos sociais provoca uma permuta de elementos culturais.

A cultura é o fazer, como fazer, para que e para quem se faz. A cultura constitui-se em todas as atividades que satisfazem nossas necessidades, mesmo que supérfluas. Somos todos produtos e produtores de cultura. A cultura é o ser humano, é o que há de mais humano no ser, é aquilo que nos distingue dos outros animais (ALVES, 2004, p.56).

Na busca em compreender o lugar da cultura no cotidiano, nos encontramos na necessidade de entender também a construção da identidade através da cultura. Segundo Hall (1997, p. 26-27) a identidade aflora:

O que denominamos ‘nossas identidades’ poderia provavelmente ser melhor conceituado como as sedimentações através do tempo daquelas diferentes identificações ou posições que adotamos e procuramos ‘viver’, como se viessem de dentro, mas que, sem dúvida, são ocasionadas por um conjunto especial de circunstâncias, sentimentos, histórias e experiências única e peculiarmente nossas, como sujeitos individuais (HALL, 1997).

A partir disto, Hall (1997) nos atenta a entender que as nossas identidades são formadas a partir da cultura. Dessa maneira precisamos refletir e considerar que é através dela que são construídas as identidades sociais.

Elas são o resultado de um processo de identificação que permite que nos posicionemos no interior das definições que os discursos culturais (exteriores) fornecem ou que nos subjetivemos (dentro deles). Nossas chamadas subjetividades são, então, produzidas parcialmente de modo discursivo e dialógico (HALL, 1997, p.27).

Ainda dialogando com Hall (1997), percebemos que esse processo de (re)construção está baseado no nosso interesse na cultura; “e por que é cada vez mais difícil manter a tradicional distinção entre ‘interior’ e ‘exterior’, entre o social e o psíquico, quando a cultura intervém.” (HALL, 1997, p.27)

Segundo Gomes e Faria (2005), as identidades sociais são produzidas por meio da e na cultura, como resultado de processo discursivo e dialógico, são culturalmente formadas. De tal maneira que para abarcar quem são esses sujeitos, é preciso conhecer a dinâmica da cultura em que estão imersos. E como pensar a Comunidade dos Arturos? Pereira e Gomes (2002) indicam em seu livro “Flor do Não Esquecimento” alguns destes pontos:

O conservadorismo (disposição para resguardar valores do passado como mecanismo de autodefesa diante das rápidas mudanças impostas pela modernidade); a hierarquização (compreensão da ordem social e individual com base na interação com a natureza e o mundo sobrenatural); a totalização (abordagem da experiência social e individual com base na interação com a natureza e o mundo sobrenatural); a contextualização da vida (interpretação dos eventos, mesmo dos mais distantes, tendo como referência o espaço geográfico e os valores locais); a religiosidade (aceitação da ideia de que o mundo é fruto da ação divina, o que justifica o relacionamento entre vivos e mortos, pessoas comuns e santos); a personalização (reconhecimento e valorização do indivíduo a partir de seus vínculos com a família e os antepassados) (PEREIRA e GOMES, 2002, p.13).

Na observação encontramos a necessidade de refletir um pouco sobre a influência da modernidade na vida cotidiana desta comunidade. Como já mencionado, a mesma é localizada na região metropolitana de uma grande cidade, Belo Horizonte, e hoje muitos dos seus moradores trabalham e/ou estudam na cidade, e essa relação de membros da comunidade com essa dinâmica do mundo moderno e urbano tem ocasionado mudanças. No passado, os Arturos se sustentavam essencialmente através da pecuária e da agricultura de subsistência, e atualmente, a dinâmica do trabalho e convivência se diferenciou devido a essa inserção na sociedade do entorno. Pereira e Gomes (2002) nos atentam para as posturas que podem ser adotadas ou não pelos Povos Tradicionais com relação à modernidade:

[...] as instâncias decorrentes da globalização que impõem certos valores às comunidades rurais e sobre as possibilidades de estas comunidades interferirem nesse processo através da autodefesa (fechamento e isolamento) ou da seleção de elementos externos que o grupo considera importantes para garantir a vida de seus integrantes. Nesse último caso, estaremos diante de um fato que demonstra os efeitos relativizados da mundialização das técnicas, informações, normas de mercado, sistemas políticos e valores sociais. Em outras palavras, o que os representantes da cultura popular são pode interferir na lógica de definição e redefinição de sua identidade ao experimentarem o contato da tradição com a modernidade. Sob esse aspecto, o temor manifestado por alguns defensores da pureza da cultura popular em relação às mudanças carece de fundamentos. Isso, porque a cultura popular possui uma organização que a dota de estratégias para preservar valores e procedimentos tradicionais e, também, para propor e assimilar transformações (PEREIRA e GOMES, 2002, p.14).

Os Arturos se constituem como uma comunidade que não se fechou, pelo contrário, muitos moradores estão inseridos na dinâmica da sociedade moderna. Ao realizar as entrevistas com pessoas mais velhas da comunidade, estas que muitas vezes estão à frente das tradições, perceberam que essa interação com a sociedade é dialética e expressam isso nas entrevistas:

“- Olha, nós temos hoje um pouco de dificuldade, sabe? É com a Comunidade porque temos várias tradições que é ... trazidas dos nossos antepassados, dos nossos pais, dos nossos avô que a gente quer preservar e hoje o mundo oferece muitas coisas, muitas coisas diferentes. Por que que eu falo? Aqui primeiro coisa assustadora que entrou foi a televisão, a televisão entrou e aí já tirou um cado daquelas tradições das crianças em geral né? Do povo em geral. E aí depois veio mais outras coisas, veio telefone, veio internet. É coisas que eles precisam tá envolvidos para não ficar pra trás, mas na tradição nossa é um pouco diferente.” (E1)

“-Porque hoje a gente tem muita mistura, muita assim né? Ah, porque foi liberando assim e a vida nossa, foi abrindo espaço pra muita coisa. Aí hoje mistura muito. Eu fico muito satisfeita de ser Arturos, mas as vezes tem muita coisa que é complicado. [...] Hoje em dia, muitos não querem seguir a tradição. Tem muita mistura, muita mistura, misturou demais.. é complicado demais.” (E6)

Sendo assim, a cultura se constitui a partir das relações sociais dos indivíduos, que se revelam em muitos momentos nas suas práticas corporais. E estas manifestações preservadas fazem parte de práticas e rituais relacionados às crenças e às relações com os antepassados, como também se fazem presente no âmbito do lazer da comunidade.

Corroboramos com Gomes e Faria (2005) ao pensar um diálogo entre lazer e identidade étnico racial. Tais autores, ao abordarem o tema apresentam algumas tensões historicamente marcadas pela construção da identidade dos negros no Brasil. Elas afirmam que há uma dupla tensão ao mencionar o assunto:

Por um lado, porque ainda é muito difundida a ideia da democracia racial como paradigmática do caso brasileiro, o que não nos permitiria falar de algo - a discriminação, o preconceito, o racismo - cuja existência é negada (GOMES e FARIA, 2005, p.42).

É perceptível tal ideia quando analisamos as ações afirmativas, como por exemplo, as cotas nas universidades. O outro lado que proporciona tal tensão define “para aqueles que viveram as situações de preconceito a dificuldade aflora em função da carga emotiva que o tema suscita.” (GOMES E FARIA, 2005, p.42).

Portanto, o lazer vem sendo objeto de estudo de pesquisadores que procuram fazer novas reflexões acerca do tema, compreendido nas esferas públicas como um direito.

O lazer como dimensão da cultura, compreendido como parte de uma dinâmica cultural complexa. É necessário investigá-lo no contexto sociocultural, com todas as suas contradições, possibilidades, produções e etc. Sendo pensado através de sua “especificidade abstrata, o que quer dizer que seu entendimento não é estabelecido em si mesmo, ou de forma isolada, nessa ou naquela atividade, mas como um componente da cultura historicamente situado” (GOMES e FARIA, 2005). Entendemos assim que a “atividade humana está vinculada à construção de significados que dão sentido à existência” (MARCELLINO, 1997). E que há a “necessidade de considerarmos seus conteúdos a partir das práticas significativas para os grupos sociais que as desenvolvem” (ALVES, 2003, p.105). Desse modo é preciso considerar que “as tramas culturais que perpassam o lazer são cada vez mais importantes à compreensão da realidade sociocultural, bem como à superação de limites colocados por ela.” (GOMES e FARIA, 2005, p.53)

Neste sentido, entende-se o lazer como uma instância da vida humana e dimensão da cultura que compõe um horizonte de práticas sociais vivenciadas ludicamente pelos sujeitos, estando presente na vida cotidiana em todos os tempos, lugares e contextos (GOMES, 2011).

O lazer é uma dimensão da cultura construída socialmente, a partir de quatro elementos inter-relacionados: Tempo; Espaço-lugar; Manifestações culturais; Ações fundadas no Lúdico (GOMES, 2004a).

Tempo, que corresponde ao usufruto do momento presente e não se limita aos períodos institucionalizados para o lazer (final de semana, férias, etc.); Espaço-lugar, que vai além do espaço físico por ser um “local” do qual os sujeitos se apropriam no sentido de transformá-lo em ponto de encontro (consigo, com o outro e com o mundo) e de convívio social para o lazer; Manifestações culturais, conteúdos vivenciados como fruição da cultura, seja como possibilidade de diversão, de descanso ou de desenvolvimento; Ações, que são fundadas no lúdico – entendido como expressão humana de significados da/na cultura referenciada no brincar consigo, com o outro e com a realidade (GOMES, 2004b, p.123).

A partir destes quatro elementos é visível que o lazer se insere nas diversas relações da nossa vida cultural.

O lazer acarreta tensões e contradições que permitem a interpretação de sua lógica de diversas formas. Porém, pensando no aspecto da cultura o mesmo indica que é tempo/espço de expressão do ancestral e do novo, do conformismo e de resistência. Tal dualismo permite interpretar que ora se torna reprodução de dada ordem social, ora produtor do novo. (GOMES E FARIA, 2005)

Essas reflexões sobre o lazer e a cultura foram fundamentais para analisar as práticas de lazer e a cultura presentes nos Arturos. Conhecendo as relações que permeiam a comunidade e como elas afirmam e recriam a identidade dos Arturos, foi possível identificar as práticas de lazer, suas manifestações e suas relações com os espaços da comunidade.

## **Práticas de Lazer no Cotidiano da Comunidade dos Arturos**

Chegar nos Arturos é sentir o chão da terra, o cheiro do café feito na hora, as conversas e risadas no galpão... A partir das entrevistas, conversas e mais conversas e observações procuramos compreender o cotidiano da Comunidade.

O cotidiano não diz apenas das tarefas corriqueiras, mas aquelas que se interpõem, se interagem no dia-a-dia e se fazem significantes das ações e relações sociais, não sendo, portanto, iguais todos os dias (SOUZA, 2006, p. 126).

Nas idas aos Arturos, durante a semana, bem cedo, entre sete e oito horas da manhã, muitas crianças e adolescentes já haviam ido para a escola, muitos jovens e adultos também já haviam saído para seus respectivos trabalhos. Mas ainda sim, sempre tinha muita gente da comunidade, nos afazeres locais, como cuidar das criações, por exemplo.

Ah, afinal de contas minha vida é uma vida trabalhosa né? Mexer com criação, sabe? (E2).

Tem criação de galinha, cavalo e gado. Também os cultivos de alguns alimentos como verduras e legumes. Segundo os entrevistados, as plantações mudaram muito, em relação ao passado, já que antes os Arturos possuíam sua agricultura de subsistência, mas como já mencionado neste trabalho tal comunidade dialoga hoje, diretamente com a sociedade, e desvinculou-se um pouco do trabalho rural.

Ao longo do dia, sempre sentado em algum dos cantos ao redor da Casa Paterna se encontra Mário da Luz, ou melhor, Seu Mário como todos o chamam. Ele é responsável pela benzeção, geralmente senta ali no seu cantinho sempre pronto para benzer. Chega alguém e ele já está de ouvidos atentos para saber o motivo que trouxe a pessoa até ali e não se passa muito tempo até chegar um novo sujeito pedindo para benzer. Por ser uma comunidade aberta, ele recebe pessoas em seu cantinho que não

pertencem aos Arturos. Em suas mãos tem algo especial, para alguns, mas Seu Mário diz que ali tem um segredo, que é passado para todos que recebem o dom da benção. Que ele define como a fé e o seu mistério, que foi revelada e passada para Seu Mário e que continuará sendo transmitida de geração em geração.

O cheiro do café de Maria Auxiliadora, chamada carinhosamente por todos de Dodora e esposa de Seu Mário, é sentido de longe. Casa de Dodora se tornou uma parada em todas as visitas. Era sentar, tomar um café e escutar histórias e mais histórias. Era incrível como em cada instante alguém se adentrava para encontrá-la. Mas de especial não era só o café, as crianças gostam de passar lá todos os dias querendo balas.

“- As crianças gostam de pedir ‘vovó bala’. São os netos, os bisnetos.. Então, sempre tenho bala guardada e é uma alegria quando elas chega. Eu adoro, sabe?” (Maria Auxiliadora, 80 anos).

O dia a dia para aqueles que estão na Comunidade demanda um grande trabalho físico, carregam alimentos para os animais em grandes quantidades, já que não se tem máquinas para retirada do capim e a retirada deste mato se dá em um lugar dentro da comunidade distante das criações. Outros ajudam com as atividades de agricultura e etc.

A partir dos diálogos estabelecidos anteriormente e pensando o contexto da Comunidade dos Arturos, optamos por organizar nossas análises em três eixos, sendo eles: identificação das práticas de lazer da comunidade; identificação dos espaços e apropriação dos mesmos; identificação das práticas infantis.

Através das entrevistas e observações realizadas na comunidade faremos nossas análises em diálogo com a literatura e as práticas presentes nos Arturos. Entendendo que o lazer está presente em suas múltiplas formas e que a idade das pessoas acarreta

consigo um tensionamento, no sentido de que o lazer pode ser vivenciado de maneiras diferentes entre pessoas da mesma idade e acentuadamente quando vivido entre diferentes faixas etárias.

Inicialmente vamos nos atentar para as práticas mais relatadas nas entrevistas. Não somente no contexto sociocultural brasileiro, mas também nos Arturos, uma das práticas mais recorrentes é o futebol. A relação da Comunidade com o esporte é grande, reúne todas as idades e a forma como cada um se apropria do futebol como lazer é diferente. Mas para além do âmbito esportivo, o que seria o futebol? O futebol segundo Toledo (2000, p.08) é:

Uma manifestação cultural que revela nosso jeito, malícia, alegria ou ginga, o futebol protagonizou os contornos de um processo de identificação construído e engendrado por esses diferentes agentes sociais em interação (TOLEDO, 2000, p.08).

No campo de futebol da comunidade, espaço esse em que se acontece campeonatos e algumas outras atividades. Há quem vai para jogar, para assistir e torcer, ou para encontrar amigos e familiares para uma boa conversa.

Eu gosto de futebol né, aí nós tem um campo aqui né? Aí eu vou lá ver o futebol, ver os meninos jogarem futebol, aí sento lá e fico assistindo o jogo né? Lá é bonito demais (E3).

Bom aqui aqui, a gente tem o campo de futebol né? Aí eu vou pra lá, pra poder assistir, né? Assistir os jogos né? (E8).

[...] e depois geralmente tem um jogo que a gente faz lá no campo que geral aqui vai, e tem os campeonato lá no campo também né? (E5).

Os Arturos têm os seus próprios times, tanto feminino como masculino, e quando promovem campeonatos procuram chamar outros times da vizinhança. Mais uma vez se torna explícita a relação direta que a comunidade estabelece com a

sociedade ao seu entorno. Além dos campeonatos, sempre acontecem as conhecidas peladas, que se configuram como um jogo informal. Principalmente nos finais de semana, o campo é sempre um dos lugares que reúne boa parte da Comunidade dos Arturos.

Outra prática identificada que se faz presente no cotidiano dos Arturos é a capoeira.

Os negros usavam a capoeira  
Para defender a sua liberdade  
(Mestre Pastinha<sup>4</sup>).

É preciso se atentar para essa prática para além da sua manifestação na comunidade, e entendê-la como parte valiosa de todo o histórico de luta e resistência do afro-brasileiro.

Ao som dos atabaques e berimbaus permaneciam vivos os cultos e danças das quais se perdeu a memória, mas de onde nasceria o jogo da Capoeira: os movimentos de corpo dos africanos - gestos ancestrais preservados em suas danças - serviram como base para a elaboração de uma lua coletiva; afinal, os meneios de corpo, jeito solto e ágil, servem perfeitamente tanto ao fascínio da dança quanto à magia da luta (ADORNO, 1999, p. 57).

Sendo assim, a capoeira é constituída pela dança, luta e jogo. E está presente nos relatos de muitos dos entrevistados:

Eu gosto de fazer capoeira (...) tem aqui a capoeira, a gente faz aqui dentro dos Arturos (E7).

Nos Arturos a capoeira é mais praticada pelas crianças e pelos jovens, mas é uma prática que reúne todos da comunidade, já que quem não joga está sempre ali na roda participando com palmas, cantos e observando.

---

<sup>4</sup> Mestre Pastinha foi responsável pela difusão da Capoeira Angola, bem como pela reunião e organização dos princípios e fundamentos da capoeira, um dos maiores símbolos da cultura brasileira.

O que me distrai é ver as crianças da minha família jogando capoeira, ver andando de perna pra cima, eu fico boba de ver! Eu já tentei participar e me deram umas rodadinhas, mas deixa para os mais novos – risos (E2).

Além disso, ao longo da semana, na comunidade, são propostas aulas de capoeira gratuitas. Formam-se rodas após as aulas que reúnem não apenas aqueles que estavam na aula, mas muitos da comunidade, permitindo assim que a sua prática seja ensinada por várias gerações.

Arturos, filhos de Zambi  
A juventude negra  
Preservando a tradição.  
Canta, dança e reza  
Mantendo assim sua união.

A música, a dança, os tambores, a fé  
É riqueza cultural.  
Recriando, experimentando, representando  
Vão expressando sua identidade atual.

Cantar, dançar e rezar  
É fortalecer a vida na comunidade.  
Cantar, dançar e rezar  
É preservar a religiosidade.

Arturos, Filhos de Zambi.  
Juventude negra excelsa  
Caracterizada pela humildade  
Magnitude e sublimidade.

Cantar e dançar  
É a vida respeitar.  
Cantar e dançar  
É a terra preservar;  
É manter a unidade e cuidar da natureza  
É viver a liberdade e honrar a realeza<sup>5</sup>  
Filhos de Zambi (Arturos)

A dança também se manifesta como forma de lazer presente nos Arturos. É a partir do grupo, Filhos de Zambi da Comunidade dos Arturos, criado a partir do desejo

---

<sup>5</sup> Música registrada através da Entrevista 4 - Comunidade dos Arturos (2017)

dos jovens de formarem um grupo de dança e percussão, que muitos se apropriam daquele momento como lazer. O grupo realiza apresentações dentro e fora da comunidade. Esses jovens sentem, experimentam, apropriam, aprendem e recriam outras práticas corporais afro-brasileiras, além daquelas que fazem parte da história dos Arturos. O que permite a juventude expressar a sua identidade, a partir da dialética entre a sociedade moderna e dos saberes tradicionais da cultura afro brasileira que é transmitida de geração em geração.

No galpão da Casa Paterna, antiga casa de Arthur Camilo que hoje reúne a família em celebrações e também é um espaço sagrado já que é acontece a benzeção, acontecem oficinas ao longo da semana, oficinas estas como de costura e artesanato. É momento de aprender e ensinar, de conversar e aproveitar este tempo de comunhão, sendo esta uma prática que participam apenas as mulheres da comunidade, na maioria das vezes aquelas mais velhas, a partir de 50 anos. Nos relatos sobre esta oficina, identificamos que ela se configura para todos, porém apenas esses grupos de mulheres se interessaram. Muitas afirmam que é um espaço de distração e que reafirma e intensifica os laços entre a família.

Há ainda a cavalgada, um marco forte dos Arturos. Esta prática, também realizada em conjunto, faz parte da cena cotidiana do lugar, pois em qualquer momento que você chega à comunidade tem alguém cavalgando. Uma das pessoas entrevistadas comentou como é uma prática de lazer e como ela se identifica com este momento:

É... cavalgada, eu adoro uma cavalgada! Esse aí é comigo mermo minha filha, falou que tem cavalgada eu fico doida, quero ir cavalgar. É, eu gosto de cavalgar né? Adoro, sabe? (E8).

Uma importante citação é a Festa do Reinado de Nossa Senhora do Rosário, mas dada sua centralidade e particularidades religiosas optamos por destacar a ela uma

análise específica e a parte das práticas de lazer. Outras atividades foram relatadas com menor destaque como jogos de baralho, samba, churrasco com cerveja na casa de alguém. Na concepção dos entrevistados seus lazeres são identificados de formas bem semelhantes. Todas as práticas que envolvem a reunião de pessoas, agrupamentos, partilhas de momentos coletivos como cita o entrevistado 1:

[...] é uma casa que a gente sempre tá reunido ali, sempre jogando um baralho, jogando um truco, fazendo um samba, fazendo um sabe? E dentro da comunidade as ruas da comunidade tá sempre em lazer. Onde a gente se reúne, a gente começa a conversar, ali já se torna um momento de lazer (E1).

### **O Terreiro, o Campo, as Ruas...**

Espaço, essa palavra que utilizamos rotineiramente, mas que em muitos momentos esquecemos que o mesmo carrega consigo um tensionamento, é uma questão importante para compreendermos as práticas de lazer. Como cita Santos (1988) não existe um espaço neutro.

O espaço não é um pano de fundo impassível e neutro. Assim, este não é apenas um reflexo da sociedade nem um fato social apenas, mas um condicionante condicionado, tal como as demais estruturas sociais. O espaço é uma estrutura social dotada de um dinamismo próprio e revestida de certa autonomia, na medida em que sua evolução se faz segundo leis que lhe são próprias. Existe uma dialética entre forma e conteúdo, que é responsável pela própria evolução do espaço (SANTOS, 1988, p.14).

Um dos lugares identificados pelos Arturos que acreditamos retratar de forma exemplificada a não neutralidade do espaço é o terreiro da casa do Tio Antônio. Ao adentrar a comunidade, bem em frente à capela está uma casa azul com um grande terreiro na frente, mas não é qualquer terreiro...

**Figura 1:** Casa do Tio Antônio

Fonte: Arquivo Pessoal, 2017

Antônio, é um dos filhos de Arthur Camilo, é irmão de Seu Mário. Também é a referência quando o assunto são os cantos da Folia de Reis. Observando o espaço da comunidade, tem muitos lugares para o brincar, e para reuniões, mas a casa do Tio Antônio, como é conhecido por todos, tem algo especial.

Eles soltam pipa, eles correm, sobe 'nim' árvore, é... jogam futebol, joga peteca, joga vôlei, né? Tudo isso eles pratica sabe? As crianças aí sabe? É sempre ali na porta da casa do meu Tio Antônio, sabe? (E8)

[...] aqui o terreiro de papai sempre tem gente, sabe? (E6).

Os entrevistados revelam como esse espaço é utilizado atualmente, porém tal lugar carrega consigo uma infinidade de relações e momentos únicos também para os mais velhos da comunidade.

Eu tenho uma linda laranjeira, ô morena  
Só ela que eu tenho

Cantiga de Roda dos Arturos<sup>6</sup>

Nas lembranças de um dos entrevistados aparece o trecho dessa cantiga de roda. A casa do Tio Antônio é o lugar onde, antigamente, todos se reuniam a noite. Eram as crianças brincando, outros conversando, outros contando histórias e mais histórias.

Toda noite a gente brincava de roda, contar história... Meus avós de noite pegava e colocava um, tinha umas coisas assim... colocava brasa dentro de casa e ali é, ficava ali contando história a noite inteirinha. Noite inteirinha não, né? Até tantas horas, ficava contando história ali em volta da fogueira, né? (E8).

O terreiro da casa de Antônio é um lugar que guarda muitas histórias. Lá que compartilhavam momentos vividos por Arthur Camilo e as gerações anteriores a ele, histórias estas de uma riqueza cultural enorme e que eram contadas naquele espaço, e ali eram ensinadas as tradições da comunidade através de narrativas e casos que foram contados pelos antepassados.

O campo foi identificado pelos participantes da pesquisa também como um espaço de lazer. É lá que acontecem os campeonatos de futebol e aonde as crianças vão para brincar. O chão de terra batida, com uma pequena arquibancada, em apenas um dos lados, permite que este espaço se torne para além de um campo de futebol, um lugar também para estreitar relações, um espaço para socializar, para estar, papear.

As ruas largas com calçadas têm sempre duas ou mais pessoas reunidas para uma boa conversa. Espaço também ocupado pelas crianças, é um local que os Arturos se apropriam para o lazer há muito tempo. Uma entrevistada me contava sobre o brincar na rua ao longo de sua infância:

Andar de carrinho de rolimã, nós deitava né? Aí um entrava no pneu, pneu de carro né? Aí a gente ficava mucadinho naquele vão que tem ali, né do pneu que tem ali. Aí um empurrava pro outro assim, jogava

---

<sup>6</sup> Trecho de uma Cantiga de Roda dos Arturos, ouvido e registrado através da Entrevista 8

pra lá e ficava aquele vai pra lá, vem pra cá. E a gente lá dentro ali né? Cumbucava lá né? Quando tinha tamanho, porque hoje né? Só as crianças. Brincava de Maré Mare, cair no poço. Maré Maré é uma, cê faz um, só sei que tinha maré maré aí tinha um assim um cê fez um arco assim, aí depois cê vai pulando assim de um pro outro, aí chegava uma hora que não dava. Aí a gente falava: Maré Maré, aí pra poder cê sair fora sem precisar, se não dava altura mais. É um desenho que cê faz no chão e sai pulando ele (E8).

O terreiro, o campo e as ruas são espaços públicos e de lazer, de convívio, passagem, observação da comunidade. Independente das idades são estes lugares, que possibilitam diferentes interações e intensões de lazer nas práticas corporais ou na observação das mesmas.

## **O Brincar**

Inicialmente, não pretendíamos propor esse diálogo com o brincar e as crianças dos Arturos, mas como não se encantar com elas se apropriando do terreiro da casa do Tio Antônio, suas construções, sua imaginação e principalmente, sua alegria que é levada para cada canto da comunidade. Assim como, Debortoli (1999) afirma:

Aposto na compreensão da criança como sujeito pleno e tenho a convicção de que nas manifestações da vida cotidiana, apresentam-se as alternativas para que possamos apontar uma nova forma de se conceber a formação humana, marcada por uma atitude racional-sensível, que perceba a criança como um sujeito que se produz (junto com outros autores sociais) no mundo, participante da construção de sentidos e significados: sujeito lúdico, sujeito do novo, sujeito criador, sujeito transformador (DEBORTOLI, 1999, p.107).

A brincadeira se faz presente no cotidiano das crianças, de tal maneira que precisamos entendê-la como um processo de construção social, cultural e histórica:

A vivência de uma brincadeira, estão à expressão e a produção cultural de um povo e nelas estão representados importantes saberes populares. De tal forma, a vivência de uma brincadeira constitui a prática social. Isto porque, são os seres humanos, situados historicamente, que constroem as suas brincadeiras e brinquedos e que, diante de valores questionadores ou reprodutores da sociedade, atribuem sentido e significado a sua prática e vivem uma experiência

lúdica, na qual, certamente se dá uma aprendizagem social (OLIVEIRA, 2007, p.128).

A partir deste entendimento, ao longo das entrevistas, identificamos algumas brincadeiras que se fazem presentes no cotidiano das crianças dos Arturos.

Ah, as crianças jogam bola, brincam de esconde esconde.. juntas os meninos daqui e eles arrumam brincadeiras que ninguém e nem eles nunca viu na vida. Eles inventam brincadeira. Os mais velhos passam para os meninos aqui as brincadeiras antigas, aí tem hora que a gente vê os mais velhos brincando com os mais novos (E5).

O processo da imaginação e criação da criança, é muito explícito e se realiza nas relações com as outras crianças, mas também no íntimo de cada uma. É leve, pertence a elas esse momento em que se é dado o sentido e significado a sua prática.

As relações das crianças da comunidade com o brincar são expressadas através dos relatos a seguir:

Ah, os meninos brincam de bola, papagaio, andar de cavalo. Eles brincam de muita coisa. Tem as épocas né? Época de carrinho, época de papagaio, cada época é um brinquedo/brincadeira nova (E6).

As crianças brincam, sobem em árvore, anda de cavalo o dia inteiro. Gostam de lutinha, capoeira, é muitas brincadeiras que elas brincam aqui. De cavalo, de boi, de bola, bicicleta (E4).

Eles soltam pipa, eles correm, sobe nim árvore, é jogam futebol, joga peteca, joga vôlei, né? Tudo isso eles pratica sabe? As crianças aí sabe? É sempre ali na porta da casa do meu Tio Antônio, sabe? Eles reúne lá e fica lá né? Agora o time de futebol geralmente eles reúne lá no campo né? E praticam lá né? Mas as criancinhas aí usam isso, e no mais andam de bicicleta né? (...) Cavalgam muito sabe? Aqui você vira e mexe encontra com uma criança montada num cavalo , lá andando de cavalo, né? (E8).

**Figura 2:** Há um menino

Fonte: Arquivo Pessoal, 2017

É incrível a como as crianças se apropriam de cada espaço da comunidade. Não existe um lugar que não seja destinado ao brincar, em cada canto, para as crianças, é um lugar para criar, imaginar e se divertir. Não precisa de muito! Com uma sacola de plástico, um palito e uma linha já se pode construir uma pipa. A imaginação e inovação as levam a lugares distantes e a grandes conquistas e divertimento. Sendo assim:

Por todo o seu potencial criativo e pela abertura que proporciona à exploração do real como campo de possibilidades do viver e do conhecer é que podemos afirmar, sem medo de incorrer em erro, que brincar é coisa séria! (ROSA, 2002, p.45).

Assim, destacamos a importância de contextualizar “o brincar em uma abordagem sócio-cultural”. Entendendo a brincadeira como uma construção cultural transmitida e/ou permitida em qualquer contexto social.” (SILVA, 2011, p.163)

### **Considerações Finais**

Este estudo procurou identificar e analisar as práticas de lazer da Comunidade dos Arturos a partir de três eixos norteadores, o de identificação das práticas de lazer da comunidade; identificação dos espaços e apropriação dos mesmos; identificação de práticas infantis.

O processo de investigação foi uma rica fonte de informações para o desenvolvimento desta pesquisa, nos fornecendo um vasto conjunto para análises sobre este olhar inicial para a Comunidade dos Arturos. Assim, identificamos práticas de lazer na comunidade vinculadas ao cotidiano social, que se fazem presente para além das tradições da cultura africana, como o futebol e outros jogos.

É nítida a apropriação dos espaços comunitários para a realização destas práticas, tanto nas tradicionais dos Arturos quanto nas demais. O terreiro, o campo e as ruas são espaços de lazer público, de convívio, passagem e observação da comunidade. Independente das idades são estes lugares, que possibilitam diferentes interações e intensões de lazer para vivência das práticas corporais ou da observação das mesmas.

A relação das crianças com o brincar nestes espaços apresenta, para além do lúdico, uma identidade cultural que como pudemos verificar é algo valorizado e cultivado pela comunidade para perpetuação dos saberes tradicionais de seus antepassados. O que reforça a noção de que o lazer, ou as formas de divertimento e

entretenimento de povos tradicionais são parte importante para manutenção desta comunidade e reconhecimento de seus antepassados e tradições locais.

Compreendemos assim, o lazer como dimensão da cultura, o que nos permite afirmar que os vínculos dos Arturos com suas tradições se revelam também nas diversas interfaces do lazer. Acreditamos que a realização deste estudo não se finda nessa primeira imersão e contato. O que nos provoca a ampliação do olhar sobre as práticas identitárias de comunidades tradicionais. Acreditamos que o diálogo e as reflexões, acerca das relações estabelecidas com o lazer e a cultura nos Arturos não se esgotam, ainda há a necessidade de novas aproximações e aprofundamentos com relação à Comunidade e seu elo com as práticas de lazer e a cultura.

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, Camille. **A arte da Capoeira**. Goiânia: Ed. Kelps, 1999.
- ALVES, Regina Helena & BORBA, Denísia M. **Projeto quilombos: Comunidade Negra dos Arturos**. Belo Horizonte. ENCONTRO DE EXTENSÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, 7, 2004. **Anais...** Belo Horizonte, 2004.
- ALVES, Vânia de Fátima Noronha. Uma leitura antropológica sobre a Educação Física e o Lazer. In: WERNECK, Christianne Luce Gomes; ISAYAMA, Hélder Ferreira (Org.). **Lazer, recreação e educação física**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2003.
- BRASIL. **Decreto no.6040** de 07 de Fevereiro de 2007. Disponível em: /d6040.htm. Acesso em 23/05/2017
- DEBORTOLI, J. A. O. Com olhos de crianças: a ludicidade como dimensão fundamental da construção da linguagem e da formação humana. **Licere**, Belo Horizonte, v.2, n.1, p.105-117, 1999.
- GOMES, A. M.R; FARIA,E.L. **Lazer e diversidade cultural**. Brasília: SESI/DN, 2005.
- GOMES, Christianne L. Verbete Lazer – Ocorrência histórica. In: GOMES, Christianne L. (Org.). **Dicionário Crítico do Lazer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004a. p.133-141.

GOMES, Christianne L. Verbete Lazer – Concepções. In: GOMES, Christianne L. (Org.). **Dicionário Crítico do Lazer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004b. p.119-126.

\_\_\_\_\_. Estudos do Lazer e geopolítica do conhecimento. **Licere**. Belo Horizonte, v.14, n.3, p.1-25, set./2011.

GOMES, Flávio dos Santos. **Mocambos e quilombos: uma história do campesinato negro no Brasil**. São Paulo: Claro Enigma, 2015.

HALL, Stuart. **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 22, n. 02, jul./dez., 1997.

LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LAVILLE, C. & DIONNE, J. **A construção do saber**. Belo Horizonte: UFMG, 1999. 340 p.

MARCELLINO, N.C. Lazer, cultura e educação. ENAREL, 9, 1999. **A diversidade cultural no lazer**. Belo Horizonte: EEF/UFMG, 1997.

OLIVEIRA, D.T.R de. Brinquedos e Brincadeiras Populares no Programa Esporte Lazer da Cidade. In: MARCELLINO, N. C.; FERREIRA, M. P. A. (Org.). **Brincar, Jogar, Viver: programa Esporte Lazer da Cidade**. Brasília. Ministério do Esporte, 2007, v. 1, p.127-138.

PEREIRA, Edimilson de Almeida e GOMES, Núbia Pereira de Magalhães. **Flor do não esquecimento**. Cultura popular e processos de transformação. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

REGINALDO, Lucilene. **Os rosários dos angolas irmandades de africanos e crioulos na Bahia setecentista**. São Paulo: Alameda, 2011

ROSA, S.S da. **Brincar, conhecer, ensinar**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002. 118p. (coleção questões da nossa época; v.68)

SANTOS, Milton. **O espaço geográfico como categoria filosófica**. São Paulo Terra Livre, n. 5, p. 9-20 1988.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

SILVA, Leonardo Toledo. **Jogos, brinquedos e brincadeiras: algumas reflexões**. Saber Acadêmico, n. 11, p. 163-171, 2011.

SOUZA, Ana Luíza de. **História, educação e cotidiano de um quilombo chamado Mumbuca/MG**. Dissertação de mestrado em educação, UNICAMP, 2006.

TOLEDO, L. H. de. **No país do futebol**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

**Endereço das Autoras:**

Raquel Rocha Nunes  
EEFFTO/UFMG  
Av. Antônio Carlos 6627 – Pampulha  
Belo Horizonte – MG – 31270-901  
Endereço Eletrônico: raquelrochan@gmail.com

Elisângela Chaves  
EEFFTO/UFMG  
Av. Antônio Carlos 6627 – Pampulha  
Belo Horizonte – MG – 31270-901  
Endereço Eletrônico: elischaves@hotmail.com